

## AS REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO COLONIAL A PARTIR DOS RELATOS DOS COLONIZADORES

DOUGLAS COELHO RODRIGUES\*

**Resumo:** Este artigo analisa as representações a cerca do imaginário do colonizador português a partir do seu contexto cultural, partindo dos relatos dos feitos pelos cronistas Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão, reinóis residentes na capitania de Pernambuco. De suas obras podemos analisar suas intenções como agentes colonizadores portadores de valores e ideias de sua cultura europeia, como também perceber o contexto social no qual estavam inseridos e de que forma contribuíram para a construção da imagem das terras colonizadas e de seus nativos.

**Palavras-chave:** representações; imaginário; cronistas;

### INTRODUÇÃO

O processo de colonização da América portuguesa, assim como das demais áreas colonizadas pelos europeus, foi marcado pela complexa visão cultural e interpretativa dos conquistadores. O medo ou a fascinação pelo desconhecido fazia parte do cotidiano dos habitantes do chamado Velho Mundo. As descrições de viagens espetaculares através de terras igualmente sedutoras, tanto por sua rica natureza, como pelo encanto ou estranheza de suas populações, enchia o europeu do século XV de uma já conhecida avidez por aventura. Portanto, este mesmo “aventureiro”, levou seus conceitos, sua estranheza, sua admiração, sua formação cultural, e principalmente sua fé para a nova e desconhecida terra.

---

\*Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade de Pernambuco – Campus Petrolina. E-mail: d.coelhorodrigues@gmail.com. Orientador (a): Dra.: Janaina Guimarães

Na América portuguesa, os primeiros colonizadores descreveram essas novas terras seguindo sua peculiar forma de entender o que lhes era além do seu mundo. Tentavam fazer comparações do que observavam em relação ao que já lhes era conhecido, como fizeram os senhores de engenho da capitania de Pernambuco, Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão em suas obras, *O tratado descritivo do Brasil* e *Diálogos das grandezas do Brasil* respectivamente. Ambos escreveram sobre as características das terras ocupadas e os modos de vida dos nativos. A formação cultural destes cronistas seguia o “modelo” predominantemente Barroco dos fins do século XV e início do século XVI, tipicamente balanceado entre o religioso medieval e o moderno de reminiscências clássicas. Isso levou a que suas obras tivessem um alto cunho informativo, tentando atingir um grau enciclopédico. Por outro lado, traziam em si uma elevada carga de valores que acabaram por construir a imagem dos nativos, caracterizados como lascivos, selvagens, “fracos de ânimo”, etc. Tais representações foram uma expressão comum aos cronistas dentro do Império Ultramarino Português, que por sua vez serviram como alicerces da formação da imagem tanto das Índias ocidentais como das orientais. Ambos os territórios, mesmo tão distantes geograficamente, estavam agora minuciosamente interligados pela cultura lusitana e seu trato etnocêntrico.

Assim como as índias orientais, as terras da América portuguesa seriam amplamente propagandeadas pelos reinóis mais próximos à corte e à Coroa. As riquezas naturais e o enriquecimento fácil seriam os propulsores do novo empreendimento colonial. E dentro de relatos, havia as descrições dos habitantes das terras, os quais, segundo a ideia de civilização europeia e cristã, estavam longe da presença de Deus, abandonados ao demônio, vivendo como animais, portanto excluídos do direito de posse do território sob domínio luso. Tais habitantes deviam deixar de ser empecilho para o empreendimento colonial, e virem ao encontro de Deus como seus servos, tornando-se vassallos da Coroa.

## **INTERPRETANDO O NOVO**

As grandes navegações não se restringiram somente à conquista de terras e o aumento do poderio das potências europeias da época. Os conquistadores levavam para estes novos territórios alguma sua própria identidade, algo que pode ter efeitos mais profundos dentro de

um território estranho do que qualquer conquista militar: sua cultura, especificamente etnocêntrica.

Os europeus dos séculos XV e XVI, principalmente os letrados, eram envolvidos por leituras de origem medieval ou clássica de grandes viagens por locais fantásticos e paradisíacos, como por exemplo, o *Livro das Maravilhas* de Mandeville, que era imerso pelo pensamento medievo, que mais tarde se somaria ao espírito aventureiro (SOUZA, 1986, p. 22), no qual o próprio Colombo foi envolvido. Esses escritos narravam as aventuras marítimas por diversos pontos desconhecidos da terra, ora fantasiosos, ora descritivos, como no caso da recém-contatada cultura do que passaria a ser as Índias Orientais. As primeiras informações sobre a mesma demonstram a típica cultura medieval, com sua ânsia de paraíso terrestre, terras com riquezas inestimáveis e habitantes ao mesmo tempo estranhos e graciosos pelos seus costumes. Ao paraíso terrestre era dado o tom divino da graça de Deus que o aproximava mais da terra e o homem de sua presença. Para eles, a primeira evidência dessa proximidade estava na natureza exuberante, que o fazia lembrar o Éden bíblico, como coloca Souza(1986, p. 35):

*Associar a fertilidade, a vegetação luxuriante, a amenidade do clima às descrições tradicionais do Paraíso Terrestre tornava mais próxima e familiar para os europeus a terra tão distante e desconhecida. A presença divina fazia-se sentir também na natureza; esta, elevada à esfera divina, mais uma vez reiterava a presença de Deus no universo.*

O lendário Paraíso Terrestre era a analogia mais familiar ao europeu para a descrição de novas terras, principalmente àquelas que se encontravam em seu “estado natural”, abundante e fértil, inclusive com a inserção de seus habitantes, rotulados entre bom e o mal selvagem.

Estes aspectos foram fundamentais para as primeiras viagens da empresa colonial, a “propaganda”, a descrição, feita pelos navegantes e cronistas serviu como incentivo para a vinda de novos colonizadores, homens em busca de riquezas e de terras.

No sentido da propaganda sobre a colônia, podemos apontar os cronistas Gabriel Soares de Sousa e Ambrósio Fernandes Brandão, estes dois retratam as características barrocas da sociedade ao qual pertenciam, sendo objetivos em suas descrições, mas não menos carregados de valores do que os escritos edenizadores do século XV. A já estabelecida

comunicação com os indígenas no litoral do que seria o Brasil, apenas acentuou o etnocentrismo português. Então, no caso destes cronistas:

*Os relatos de viagens, por seu caráter eminentemente etnocêntrico já atado, fundam uma antropologia ou geografia condizente com o olhar do europeu conquistador convencido de sua superioridade, em que o outro (as populações das terras descobertas) é facilmente identificado como um europeu incompleto (em que algo falha ou falta) ou um espelho invertido dele. (SILVA, W., 2003. p. 58).*

Nesse período, os relatos sobre os novos territórios são dados de modo a pretenderem serem úteis para a exploração, e por outro lado, vão de encontro à cultura e os modos de viver dos autóctones das regiões. Tanto o estranhamento do outro, como a necessidade de confirmação da conquista formaram a imagem e os estereótipos ao redor da população nativa. Descritos como animais, sem nenhum zelo pelo próximo e para com a moral, eram incivilizados pelo modo de viver e pela distância de Deus e da fé católica.

A partir daí nota-se a bifrontalidade do processo de colonização, a qual abrangia a aquisição de novas terras para a coroa, e a aquisição de novos fiéis para a Igreja Católica; era a dilatação da fé e o fortalecimento monárquico associados (SOUZA, 1986, p. 33 – 34).

A forte religiosidade, herança da Idade Média, colocava a “descoberta” de novas terras como desígnios insondáveis de Deus. Logo, cristianizar toda a gente era um dos parâmetros principais como ação a ser tomada, como aparece neste trecho do cronista Gabriel Soares de Sousa (2000, p. 128): “Tomé de Sousa também levou em sua companhia padres da Companhia de Jesus, para doutrinares e converterem o gentio na nossa santa fé católica, e a outros sacerdotes, para ministrarem os sacramentos nos tempos devidos”.

Nas obras dos cronistas a serem analisados, essa bifrontalidade é claramente visível, assim como todas as suas representações, que farão parte do contexto colonial, que serão as criadoras e disseminadoras da imagem que estereotiparam o indígena e sua cultura.

## **RELAÇÕES ENTRE OS RELATOS CRONÍSTICOS E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS INDÍGENAS E DA TERRA**

Depois de estabelecidos os primeiros contatos e assentados nos novos territórios, os colonizadores passaram a informar a corte por meio de cartas e de suas crônicas. Em relação

às posses da coroa portuguesa, ressaltaremos os cronistas que faziam parte do contexto colonial da zona açucareira da capitania Pernambuco, neste caso Gabriel Soares de Sousa com o *Tratado descritivo do Brasil*, e Ambrósio Fernandes Brandão com os *Diálogos das grandezas do Brasil*. Capistrano de Abreu coloca a obra de Soares de Sousa, como a enciclopédia do século XVI (SILVA, K., 2006, p. 54), a qual servia tanto para as pessoas da época, tal como é útil para os historiadores.

Ambos os cronistas nasceram em Portugal, e trouxeram para o novo continente conceitos e pensamentos em voga da sua sociedade, com isso, suas escritas identificavam-se com as características do Barroco; mantiveram-se copiando os modelos clássicos da cultura ocidental e transpondo-os para a América (SILVA, K., 2010, p. 113). Mas nessa particularidade barroca, nota-se também a sua face religiosa, unindo o utilitarismo e sua objetividade informativa, colocarão os naturais da terra e suas posses e costumes em xeque.

O entendimento do mundo que ali se encontrava era facilitado a partir da comparação ao que já lhes era conhecido, como por exemplo, os seus próprios valores. As ideias destes cronistas faziam parte de algo maior, representações do seu próprio imaginário, neste caso,

*[...] um sujeito não é responsável pelos sentidos do discurso que profere, sendo ele próprio apenas uma parte constitutiva do processo de produção desses sentidos, cada discurso de cada cronista era não o fruto de um conjunto de opiniões e visões particulares, mas uma partícula de um imaginário maior que abarca o próprio autor. (SILVA, K., 2010, p. 113).*

Nisso, seus relatos dariam um significado àquelas “sociedades primitivas” a partir de seus próprios conceitos de civilização, dando voz a velhos estigmas que seriam adaptados, como a ideia de bárbaro, que se adaptaria aos interesses dos colonizadores. Tal ideia legitimaria a guerra justa<sup>1</sup>, a escravização do indígena ou conversão para a santa fé católica dependendo do contexto ao qual se tentaria o processo de aculturação.

Nos relatos de Soares de Sousa e de Brandão, a barbárie foi bastante difundida para retratar o ameríndio. No dicionário mais próximo da época, escrito por Bluteau, “bárbaro” quer dizer: “homem rude, sem polícia, nem civilidade, oposto ao civilizado, e urbano” (1789,

---

<sup>1</sup> Na colônia consistiu numa forma segura de justificar a ação bélica contra os indígenas, principalmente diante à opinião do clero, que conhecia e reconhecera os direitos de se escravizar os prisioneiros de guerra. Em grande parte dos casos a justificativa se atribuía às práticas irregulares de batalhas por parte dos indígenas, que incluíam todos os rituais que os mesmos praticavam após cada investida que venciam.

p. 167). “Já a partir do século VI d.C., *barbarus* equivalia a *paganus*” (RAMINELLI, 1996, p. 54), não obstante era aquele que estava longe da luz de Deus e de sua verdade, ainda não convertido. Nesse sentido, apenas os cristãos eram os verdadeiros detentores da verdade universal.

Unindo toda herança cultural, os interesses econômicos da atividade mercantil e a égide religiosa do imaginário em voga, os índios foram relatados como empecilho para a colonização por suas constantes guerras, vinganças e práticas de sentido antropofágico, “criaturas das mais selvagens”, e de um modo geral, “bárbaros”. A cultura indígena foi amplamente negada pelos cronistas, e suas religiões eram retratadas como ensinamentos do diabo: “[...] esse costume devia de lhes ensinar algum demônio, e à sua imitação o usam com darem maior mostra nele de sua grande barbaridade.” (BRANDÃO, 1997, p.72); e o antecessor de Brandão, Soares de Sousa colocava: “[...] são mais bárbaros que quantas criaturas Deus criou” (SOUSA, 2000, p.302) e “tem uns costumes em seu modo de viver e gentilidades; os quais não adoram nenhuma coisa, nem tem nenhum conhecimento da verdade, nem sabem mais que há morrer e viver” (SOUSA, 2000, p. 302). Essas ideias viriam dar sustento à guerra justa e à “missão civilizadora” dos portugueses. E quando eram subjugados e aldeados, dava-se o processo de aculturação com a evangelização, com isso, os índios eram obrigados a escolher, ou se tornavam cativos dos senhores de engenho, ou escolheriam a “proteção” dos jesuítas (SCHWARTZ, 1988). A bondade, a civilidade dos índios, só tornavam-se possíveis se próximas ao conceito de civilização europeia, e como tal, convertidos ao Cristianismo católico. Entretanto, o processo histórico deu provas de que a aculturação apenas adaptou ambas as culturas, pois os indígenas não aceitaram totalmente a cultura portuguesa, como uma forma resistência silenciosa, e os portugueses assimilaram alguns costumes dos ameríndios, como por exemplo, o uso da mandioca.

As relações familiares também mereceram destaque nas obras dos cronistas como se vê neste trecho: “[...] uma índia tupinambá [...] levando um filho de um ano às costas, que ia chorando, do qual se enfadou a mãe de maneira que lhe fez uma cova com um pau no chão, e o enterrou vivo” (SOUSA, 2000, p. 332). Uma das bases fundamentais da religião católica, a família, era profanada segundo a visão do colonizador, fazendo do índio uma criatura cruel

que mata o próprio filho, desrespeita os graus de parentesco praticando incesto e poligamia, colocando-o mais uma qualidade: luxurioso.

*Este gentio é tão luxurioso que poucas vezes têm respeito às irmãs e tias, e porque este pecado é contra seus costumes, dormem com elas pelos matos, e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas têm muitas (SOUSA, 2000, p. 308).*

Obviamente são relatos que buscam chocar o leitor. Apesar de aparentemente imparciais, estão carregados de fortes valores, que tinham em si um objetivo que estava relacionado à conquista. As práticas culturais dos ameríndios são rebaixadas para que se tornasse viável a inserção dos valores dos conquistadores.

O canibalismo talvez fosse considerado pelos cronistas o ápice da belicosidade e da barbárie dos autóctones, como relatou neste trecho:

*As vezes as matam e outras não, que é quando sucede toma-la alguns dos vencedores por sua mulher ou manceba; e por este modo escapam da morte, enquanto o que a tomou à sua conta assim o determina, sem lhe dar mais exercício de trabalho do que às demais mulheres, suas naturais; mas a grata é que, se algumas destas cativas acerta de fugir, e vai prenhe, depois de estar entre os seus posta em salvo, e chega a parir, o próprio avô, e ainda a mesma mãe, matam a criatura nascida e a comem, dizendo que o fazem ao filho de seu inimigo; porque a mãe foi somente um bolso em que se criou e aperfeiçoou a tal semente, sem tomar nada dela; e por este modo usam de mil crueldades em outros casos semelhantes. (BRANDÃO, 1997, p.76)*

Nesse trecho o Fernandes Brandão relata sobre uma índia feita cativa por uma tribo rival, onde ela acabou engravidando do índio que lhe fazia prisioneira. Quando conseguiu fugir, algum tempo depois pariu o filho do seu inimigo, e não o seu próprio filho, como diz sua cultura. Assim como era feito aos inimigos capturados, logo foi feito ao bebê, sendo ele comido, para que todas as suas qualidades fossem transferidas para os que comessem sua carne.

Outra questão que merece análise, sobre a criação da imagem do indígena, com aspectos que até hoje tem vida no imaginário brasileiro é sobre ao que os cronistas chamavam de “fracos de ânimo” para o trabalho:

*Quando as índias entram em dores de parir [...] o marido se deita logo na rede [...] e a mulher lhe faz muitos mimos, enquanto o marido está assim parido, o qual está muito empanado para que lhe não dê o ar; e dizem que se lhe der o ar que fará muito nojo à criança, e que se se erguerem e forem ao trabalho que lhes morrerão os filhos, e eles que serão doentes da barriga; (SOUSA, 2000, p. 285).*

O que foi aqui descrito, é uma prática ainda comum a algumas tribos brasileiras. Quando a índia pare, o homem não sai de casa e fica por certo tempo deitado à rede, que segundo sua crença, se ele não fizer isso, a criança pode vir a morrer.

São questões culturais que os conquistadores interpretaram segundo sua ótica e sistema de valores, pondo em xeque os costumes que lhes eram estanhos, engendrado ao desejo pela posse das novas terras, que implicava para isso a retirada do empecilho à empresa colonial, que neste caso eram os índios. Demonizando sua cultura, tornaria mais fácil o que os portugueses considerariam uma “missão civilizadora”, levando para os autóctones a verdade universal da tradição cristã e tornando-os vassallos do rei.

Essas imagens que foram criadas e difundidas em relatos cronísticos como estes, perpetuaram no imaginário brasileiro e ainda hoje uma maioria tem o índio como um homem primitivo; e a religiosidade do mesmo no seio escolar não passa de folclore. São representações criadas no contexto colonial açucareiro do século XVI, e elas trouxeram seus símbolos ocultos, os mesmos que estavam engendrados no imaginário e que foram construídos social e historicamente, internalizando-se no inconsciente coletivo. Por elas podem-se compreender os mecanismos pelos quais um grupo se impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17).

## **O IMPÉRIO ULTRAMARINO PORTUGUÊS E SUA INTERLIGAÇÃO PELA CULTURA PORTUGUESA**

O Império Ultramarino Português surgiu como um grande mosaico de culturas. Mas no pensamento lusitano, suas conquistas não se integravam ao conceito de civilidade vigente em Portugal. A civilização conhecida por eles era a própria visão que tinham de sua sociedade; era ela, o modelo o qual deveria ser repassado para as demais nações pagãs. Logo, esse mosaico de culturas seria explicado, manipulado e comparado segundo a visão dos

conquistadores, diluindo-o numa singular forma de relacionamento, a qual, a base essencial para o julgamento das demais culturas era a cristã-europeia; todo o resto se dividia entre o cristão e o não cristão.

Os relatos dos cronistas portugueses formam uma amostra significativa de todo este contexto em que se deu a conquista de terras americanas e asiáticas. Os termos-chave encontrados nos relatos, produtos do imaginário, foram utilizados na América portuguesa e nas índias orientais. Os relatos dos cronistas, no que se refere às descrições de práticas culturais diferentes às dos europeus, seguiram uma linha bem semelhante em relação às colônias. Variaram os modos de discursos, somente, de acordo com suas experiências, com suas intenções e influências. Gaspar Correa, que escreveu a história da conquista das índias, no livro *Lendas da Índia*, é claro ao narrar as intenções colonizadoras:

*E em todo prepoendo sua tenção no serviço de Nosso Senhor, que esperava fazer-lhe no convertimento dos gentios e infiéis, que esperava tornar à nossa santa fé; e havendo sobre o caso muytos conselhos com os seus principaes do Reyno, onde Dom Vasco era presente muyto recontando as grandezas da índia, com que per todos foymuy aprovada a santa tenção d'ElRey [...] (CORREA, p. 145).<sup>2</sup>*

Todas essas particularidades permitem ver o Império Ultramarino interligado pela cultura portuguesa. Neste caso, são todas as ações comuns, toda a atuação colonizadora, desde um termo ou estereótipo, a uma catequização, que permeiam formas de pensamento parecidos em relação às antigas religiões dos convertidos tupinambás e hindus, que “ascenderam” à verdade universal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes navegações surgiram no contexto de transição do que as linhas tradicionais da História chamam de Idade Média e Idade Moderna. Havia nos navegantes e conquistadores o homem medievo, temeroso, supersticioso e fortemente ligado à religiosidade, à Igreja Católica e seu sistema de valores; e também o homem moderno, curioso e dado a aventuras, mercantilista e com sede de riqueza. Essa mescla na cultura do europeu deste período marcou

---

<sup>2</sup> Texto e expressões mantidos do português original contido na obra de Gaspar Correa.

o imaginário colonial e suas relações com as novas terras e seus habitantes, onde pelos modos de entender e descrever o que lhes eram desconhecidos assinalou as representações que disseminariam a imagem da colônia e dos autóctones.

Os relatos contidos nas crônicas dos colonizadores serviram de referência para os habitantes da metrópole acerca do que estava a acontecer nas colônias. A partir destes relatos é que se deu o primeiro passo para a caracterização das novas posses e dos nativos, com a “guerra cultural” e bélica que se travava contra os mesmos. O que foi relatado e descrito formam as representações do imaginário que cercava a conjuntura colonial sob a égide da cultura dos portugueses, que se pôde identificar através de termos e expressões comuns a todo o território do Império Ultramarino. A necessidade de evangelização dos gentios, a “barbaridade” dos costumes dos mesmos, legitimava a posse em nome de Deus para a coroa; a conquista primeira era a da graça divina. A cultura ibérica e a forma como se deu a colonização constituiu o laço comum entre as distantes terras do Império.

Na colônia, os estereótipos foram criados, a maioria referente ao indígena, que foi avaliado por termos que o mesmo desconhecia. Tais estereótipos fixaram a imagem do autóctone no imaginário popular, e ainda hoje ainda se nota seus resquícios, alguns mais gritantes e outros mais silenciosos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BLUTEAU, D. Rafael. **Dicionário da Língua Portuguesa, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva**. Tomo I. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. **Diálogos das grandezas do Brasil**. Recife: Massangano, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1990.

CORREA, Gaspar. **Lendas da Índia**. Tomo I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da Colonização: a representação do Índio de Campanha a Vieira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial 1550-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Kalina Vanderlei. **O sertão na obra de dois cronistas coloniais: a construção de uma imagem barroca (séculos XVI-XVII)**, PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 43 – 63, dez. 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Nas solidões vastas e assustadoras: a conquista do sertão de Pernambuco pelas vilas açucareiras nos séculos XVII e XVIII**. Recife: Cepe, 2010.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. **Terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Lery, André João Antonil e Richard Francis Burton**. São Paulo: UNESP, 2003.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Recife: Massangana, 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.